

Das pancadas na parede à psicografia: Breve história da Doutrina Espírita - Parte V

ALLAN KARDEC entra em cena

Fatos históricos compilados por Nilson Perissé

A sequência de fenômenos envolvendo mesas girantes, assim como cestas e pranchetas que escreviam mensagens dos espíritos, foi se tornando cada vez mais popular e virou assunto obrigatório na imprensa e nas conversas do dia a dia. Não demorou muito para que o assunto chegasse aos ouvidos de um prestigiado pedagogo, o Sr. Hypolyte Léon Denizard Rivail, que mais tarde seria conhecido mundialmente como Allan Kardec. O texto a seguir relata os primeiros contatos do célebre professor com o polêmico tema.

Os primeiros contatos

Já é bem conhecido o episódio em que Allan Kardec, até então conhecido apenas como o professor Leon Hyppolyte Denizard Rivail, travou seu primeiro contato com os fenômeno mediúnicos. Mas vale a pena ouvir a história contada por ele mesmo:

“Foi em 1854 que, pela primeira vez ouvi falar das mesas girantes. Encontrei um dia o magnetizador, Senhor Fortier, a quem eu conhecia desde muito tempo e que me disse: “Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no agnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem à vontade”. “É com efeito muito singular”, respondi, “mas, a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode perfeitamente atuar sobre os corpos inertes e fazer que eles se movam”.

Algum tempo depois, encontrei-me novamente com o Sr. Fortier, que me disse: “Temos uma coisa extraordinária: não só se consegue que a mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada, ela responde”. “Isto agora”, repliquei-lhe, “é outra questão. Só acreditarei quando me provarem que uma



mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormirem pé”.

Era lógico este raciocínio; eu concebia o movimento por efeito de uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, afigurava-se-me absurdo atribuir-se inteligência a uma coisa puramente material. Achava-me na posição dos incrédulos atuais, que negam porque apenas vêem um fato que não compreendem. Eu estava, pois, diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário às leis da

Natureza e que a minha razão repelia. Ainda nava vira, nem observara; as experiências, realizadas em presença de pessoas honradas e dignas de fé, confirmavam a minha opinião, quanto à possibilidade do efeito puramente material; a idéia, porém, de uma mesa falante ainda não me entrara na mente.

Apenas em maio de 1855, o professor Rivail finalmente participou de uma reunião onde o fenômeno se produzia. O que ele presenciou causou-lhe grande surpresa:

Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não

deixavam lugar para qualquer dúvida. *Vimo-la (uma mesa girante) mover-se, levantar-se, dar pancadas, sob a influência de um ou de muitos médiuns. O primeiro efeito inteligente observado foi o de obedecerem esses movimentos a uma determinação. Assim é que, sem mudar de lugar, a mesa se erguia alternativamente sobre o pé que se lhe indicava; depois, caindo, batia um número determinado de pancadas, respondendo a uma pergunta. Outras vezes, sem o contato de pessoa alguma, passeava sozinha pelo aposento, indo para a direita, ou para a esquerda, para diante, ou para trás, executando movimentos diversos, conforme o ordenavam os assistentes. Está bem visto que pomos de parte qualquer suposição de fraude; que admitimos a perfeita lealdade das testemunhas, atestada pela honradez e pelo absoluto desinteresse de todas. Por meio de pancadas e, sobretudo, por meio dos estalidos, produzidos no interior da mesa, obtêm-se efeitos ainda mais inteligentes, como sejam: a imitação dos rufos do tambor, da fuzilaria de descarga por fila ou por pelotão, de um canhoneio; depois, a do ranger da serra, dos golpes de martelo, do ritmo de diferentes árias, etc. era, como bem se compreende, um vasto campo a ser explorado. Raciocinou-se que, se naquilo havia uma inteligência oculta, forçosamente lhe seria possível responder a perguntas e ela de fato respondeu, por um sim, por um não, dando o número de pancadas que se convencionara para um caso e outro. Por serem muito insignificantes essas respostas, surgiu a idéia de fazer-se que a mesa indicasse as letras do alfabeto e compusesse assim palavras e frases. Minhas idéias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia daqueles fenômenos qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo.*

Após muito refletir sobre a extensão do trabalho que tinha pela frente, Rivail inicia então suas pesquisas, adotando os critérios da Ciência de sua época: *“Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas,*

aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam que não puderam ser explicados pelas leis conhecidas; ele (o Espiritismo) os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega às leis que os rege; depois deduz-lhe as consequências e busca as aplicações úteis”.

Rivail insiste na abordagem científica aos fenômenos, uma vez que “a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta,



compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e de iniciativa dos espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem”. Na metodologia aplicada pelo professor Rivail, o Espiritismo não só procede de acordo com uma credulidade cega, ao contrário, deve-se criticá-lo, compará-lo, submetê-lo ao exame dos fatos e das conquistas das demais ciências.

Ao iniciar suas pesquisas, tentando identificar explicações de caráter puramente material, Rivail depara-se com anomalias expressivas que impossibilitaram o enquadramento dos fenômenos nos moldes da Ciência corrente. É clara a postura de Rivail. Primeiramente ele pretendeu aplicar aos

fenômenos sob análise os critérios da Ciência corrente, com seus métodos, pressupostos e conceitos. O fato de procurar, na eletricidade, uma possível explicação para os fenômenos mostra seu rigor metodológico de buscar primeiramente os elementos conhecidos, as causas desses mesmos fenômenos. Não encontrando, porém, lança mão de novas alternativas ao colocar o problema para o campo da Ciência. Diz ele:

“Se tal fenômeno se houvesse limitado ao movimento de objetos materiais, poderia explicar-se por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes da Natureza ou todas as propriedades dos que conhecemos: a eletricidade multiplica diariamente os recursos que proporciona ao homem e parece destinada a iluminar a ciência de uma Luz nova. Nada de impossível haveria, portanto, em que a eletricidade modificada por certas circunstâncias ou qualquer outro agente desconhecido, fosse a causa dos movimentos observados”. Entretanto, a manifestação inteligente que se mostrava por trás dos fenômenos físicos levava as conclusões para outro território, o do espírito. E este território era visto com preconceito pela Ciência. Influenciados pela visão mecanicista, este território era visto com preconceito pela Ciência. Influenciados pela visão mecanicista trazida, em especial, por Descartes e Newton, os sábios da época compreendiam a Natureza como um grande mecanismo, o que reforçava uma visão exclusivamente materialista do Universo. A Ciência de então procurava abordar o problema segundo o ponto de vista mecânico e, na impossibilidade de compreender os fenômenos mediúnicos sob esse enfoque, os representantes da Ciência trataram da questão com desdém, como se ela não existisse. É o professor Rivail quem questiona: *“Sem sair desse âmbito de idéias, já havia ali, no entanto, matéria para estudos sérios e dignos de prender a atenção dos sábios. Por que assim não aconteceu?”*

A pergunta é incisiva e pode-se imaginar uma resposta. Ocorre que os fatos fugiam dos limites da Ciência de então. As teorias e pressupostos não se aplicavam à

nova ordem dos fatos que ali se demonstrava. Muitos, querendo verificar a realidade deles pretenderam reproduzir o fenômeno a seu bel prazer, acreditando que ele se dava de conformidade com os preparativos humanos, como ocorre com os estudos físicos. *“Mas ocorreu disse o professor Rivail que o fenômeno nem sempre lhes correspondeu às expectativas e, do fato de não se haver produzido constantemente à vontade deles e segundo a maneira de se comportarem na experimentação, concluíram pela negativa. Mau grado porém, ao que decretaram, as mesas pois que há mesas continuam a girar e podemos dizer com Galileu: todavia, elas se movem! Acrescentaremos que os fatos se multiplicaram de tal modo que desfrutam de hoje do direito de cidade, não mais se cogitando senão de lhes achar uma explicação racional.*

Foi então que, após a publicação da obra “O Livro dos Espíritos”, e tendo o professor Rivail assumido sua missão sob o pseudônimo de Allan Kardec, que o Espiritismo se apresentou como uma ciência que pretende oferecer uma explicação racional e coerente com os fatos observados, livres do

espírito de sistema. Criticado pelos religiosos por ser demasiadamente metódico e racional no trato com fenômenos espirituais, e enquanto os cientistas lhe acusavam de ressuscitar o mito do espírito, o Espiritismo apresentava fatos e conclusões inaugurando a fase crítica da revolução do espírito. “O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente”, disse Kardec, “A Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam o apoio e a comprovação”. No seu ponto de vista, a Ciência estudaria o elemento material e suas leis, e o Espiritismo, o elemento espiritual.

Seguro de sua abordagem, ele desafiava outros pesquisadores a examinar os fatos e propor novos modelos com suas respectivas soluções para os fatos observados: *“As Ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritos repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, serem feitas da*

mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo; não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá Ter”.

Em suma, na visão de Kardec, os fatos existem e não se pode fugir deles. o Espiritismo apresenta suas conclusões baseadas em observações e apoiadas numa metodologia e portanto é uma explicação de caráter científico. A explicação espírita está proposta. É preciso que outras apareçam para que se possa avaliar qual a que melhor representa a realidade dos fenômenos observados.

Fontes:

“A Revolução do Espírito” e “Espiritismo e Metodologia”, de André Henrique “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns” e “Obras Póstumas”, de Allan Kardec